

Entre a poesia e ciência: Gonçalves Dias e Antropologia no Ceará em meados do XIX.

Eduardo Henrique B. Vasconcelos¹

A primeira referência aos estudos profissionais e científicos relativa à Antropologia no Ceará data de 1859, quando chegou do Rio de Janeiro, então sede da Corte brasileira, a Comissão Científica de Exploração. Enviada às províncias do Norte, antiga denominação da atual região Nordeste, pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), com o apoio e financiamento oficial do ilustrado Imperador D. Pedro II.

Um dos motivos principais para a formação dessa comissão científica foi assim justificado:

Desde os primeiros tempos da colonização do Brasil, quando só a violência era capaz de abrir as portas desta colônia, tão ambicionada pelas potências marítimas daqueles séculos, já acontecia que a terra da Santa Cruz era melhor estudada e apreciada nas viagens e relação dos escritores estrangeiros do que nas memórias dos nossos antepassados².

As terras brasileiras mesmo sendo “melhor estudadas e apreciadas” pelos estrangeiros, isto é, europeus, instrumentalizados há muito mais tempo com as ciências e as técnicas, ainda assim, apresentavam no resultado de suas pesquisas:

[...] uma quantidade incrível de fatos mal estudados, de apreciações errôneas, de asserções pouco dignas de credito, cousas que lá fora terão passado por curiosas, e que dentre nós são verdadeiros disparates, mais merecedores de riso do que credores de séria constatação³.

Propiciar o conhecimento da realidade brasileira por estudiosos brasileiros, corrigir os erros e os fatos não verídicos à respeito do país foram os dois principais argumentos apresentados pelos sócios do IHGB para a elaboração da Comissão Científica de Exploração. No entanto, os interesses da comissão não se limitavam a esses dois pontos. A produção do saber, o discurso autorizado pela ciência, necessitava

¹ Mestre em História das Ciências e da Saúde Pela Fiocruz e professor de História das Faculdades Cearenses – FaC.

² Trabalhos da Comissão Científica de Exploração, Rio de Janeiro, Typ. Universal de Laemmert, 1862, p. VII. Gentilmente cedidos para estudo pelo historiador Luciano Klein Filho.

³ Ibid. p. VIII.

do apoio dos mais vários aportes e exigia um grande esforço de intercruzamento de dados e informações. Daí a comissão ter diversos objetivos que juntos resultariam em uma visão de síntese sobre a realidade estudada. Deste modo, a Comissão foi enviada para as províncias do Norte, uma área de fronteiras (tendo com referência a Corte carioca ao sul do país), pouco conhecidas aonde avaliariam os recursos existentes e as possibilidades de exploração econômica, viajariam por áreas desconhecidas com o fim de determinar suas características e fiscalizar as instituições imperiais neste “admirável Mundo Novo”.

Após a discussão das vantagens, da importância dos estudos que iriam ser feitos pela Comissão Científica e, posteriormente, a aprovação do financiamento por parte do poder imperial:

[...] dividiu-as em cinco classes ou seções, cada uma delas a cargo de um chefe, com quanto, como era natural, ficassem todos na estrita obrigação de mutuamente se coadjuvarem. [...] Para o desempenho destas cinco diferentes secções foram propostos os Srs. Conselheiro Francisco Freira Allemão, presidente da comissão e incumbido da parte botânica; Dr. Guilherme Schuch de Capanema, da geologia e mineralógica; comendador Manoel Ferreira Lagos, da zoológica; capitão-tenente Giacomo Raja Gabaglia, da astronômica e geográfica; e Antonio Gonçalves Dias, da etnográfica e narrativa da viagem⁴.

A Comissão Científica representou um projeto de grande envergadura, dividido em diferentes ramos de saber, sendo composta por cinco grandes expoentes da ciência brasileira no século XIX. Contudo, após um longo período de pesquisas e estudos (1859-61), os resultados dos esforços dos membros da Comissão não puderam ser conhecidos, uma vez que todo material e os trabalhos realizados pelos membros das cinco seções da comissão não foram publicados devido, literalmente, terem ido por água abaixo.

O vapor que levava o material pesquisado para a Corte brasileira afundou, e com ele se foram mais de dois anos de pesquisas das cinco seções que constituíam a Comissão.

Sobre esse episódio, o médico e historiador Guilherme Studart escreveu:

A comissão tendo percorrido quase toda a província, e quando se esperava o mais útil resultado de suas explorações,

⁴ Ibid. p. XI

nafragou a iate *Invencível*, que de viagem do Aracaty para o Recife levava todos os papéis, estudos e dados colhidos com grande trabalho e despesas.

Julgando o governo imperial que a referida comissão não devia continuar, foi mandada recolher-se á Corte, por aviso do Ministério do Império de 10 de maio de 1861 e para ali embarcou no dia 13 de Julho seguinte no vapor *Cruzeiro do Sul*⁵.

Refletirei, como disse anteriormente, sobre as atividades da secção etnográfica e narrativa da Comissão científica, que tinha Gonçalves Dias como chefe.

Antônio Gonçalves Dias⁶ foi, e ainda hoje é, amplamente conhecido por seus trabalhos de cunho literário, sendo considerado como o expoente máximo da primeira geração do Romantismo no Brasil.

De acordo com o antropólogo Júlio César Melatti, o poeta indianista, como pesquisador, não estava à frente das idéias do seu tempo. O interesse de Gonçalves Dias pelas populações indígenas, negras e sertanejas situava-se no pensamento sobre a formação do povo brasileiro no referencial teórico que tinha como base a hierarquia das raças e as idéias de que a decadência dos índios não era motivada, mas acentuada pelo contato com os brancos. Seu ponto de partida era a obra do naturalista e botânico alemão Carl von Martius, o primeiro dos viajantes estrangeiros a tentar elaborar uma explicação para a situação em que se encontravam os índios no Brasil⁷.

Segundo a antropóloga Silvia Porto Alegre, Gonçalves Dias não deixou nenhum trabalho escrito sobre o Ceará, seus estudos etnográficos referem-se aos índios da Amazônia, para onde seguiu após deixar a província cearense⁸.

Dos estudos e de todas as anotações da Comissão, todos perdidos durante o naufrágio do iate *Invencível*, restaram apenas as instruções, ou os planos que cada uma das seções deveriam seguir ao longo do desenvolvimento de seus trabalhos exploratórios. Instruções essas elaboradas pelos respectivos chefes de cada seção.

Diferentemente das demais instruções que foram elaboradas por seus chefes, as instruções referentes à seção astronômica e à seção etnográfica, não foram

⁵ STUDART, Guilherme (Barão de). Datas e fatos para a História do Ceará. Tomo II. Edição fac-similar. Fortaleza Fundação Waldemar Alcântara, 2001, p 161.

⁶ Para maiores informações á respeito da obra não literária de Antônio Gonçalves Dias relacionada a arqueologia Ver: FERREIRA, Lúcio Menezes. In: LOPEZ, Marco Antônio. Grandes Nomes da História Intelectual. São Paulo. Ed. Contexto, 2003; Para as atividades do poeta-cientista de uma forma geral Ver: PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Comissão das Borboletas: A Ciência do Império entre o Ceará e a Corte (1856- 1867). Fortaleza-Ce: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2003.

⁷ MELATTI, Júlio César Apud: PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Op. Cit. p.19

⁸ PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Op. Cit. p.88, nota nº 4.

feitas por seus chefes, mas por terceiros. Mais precisamente pelo Sr. Conselheiro Candido Baptista de Oliveira a primeira e a segunda sob a hábil pena do Sr. Manoel de Araújo Porto Alegre⁹.

O responsável pela seção astronômica e o responsável pela seção etnográfica, não puderam elaborar suas instruções, pois estavam de serviço à Europa transformando os seus encargos em outros relativos a Comissão¹⁰.

As instruções para a seção etnografia e narrativa da viagem, constituem ao todo 16 pontos, estendendo-se da página XXXIX até a página XLV¹¹ dos Trabalhos da Comissão Científica de Exploração, publicação parcial das atividades da comissão com o material coletado após o naufrágio do iate *Invencível*.

Dentre os 16 pontos elencados nas instruções, destaco:

II

[...] só se poderá adquirir noções suficientes por meios de desenhos fidelíssimos do todo, principalmente da cabeça, os que deverão ser tirados de face e de perfil [...]

III

[...] melhor se compararão as formas e suas variedades, as atitudes, as fisionomias e as proporções gerais do corpo: de indivíduos adultos, assim como os ângulos faciais, procurando por essa ocasião verificar se a maior abertura do ângulo atesta maior inteligência [...]

IV

Convém igualmente coligir crânios de toda as raças dos naturais do país, e moldar no vivo algumas cabeças para a vista de certos dados Moraes poder ser verificado conjuntamente [...] a cranioscopia deverá encontrar notáveis modificações entre as diversas protuberâncias do crânio do Índio selvagem e do Índio civilizado [...]

V

A posição da cabeça, dos braços e das pernas, seja em repouso, na locomoção ou no trabalho, é muito significativa para um observador, porque, por ela, pelos seus movimentos, pelo seu assento sobre o pescoço se conhece o individuo

VII

Para alcançar os desenhos exatos acima recomendamos, ha excelente recurso da heliografia, que á sua presteza e fidelidade reúne a vantagem de não ter prevenções favoráveis

⁹ Trabalhos da Comissão Científica de Exploração. Op. Cit. p XII

¹⁰ Idem

¹¹ Ibid. pp. XXXIX - XLV

ou desfavoráveis, pois seus resultados estão livres de toda a influencia de escolas ou de maneira artística: o instrumento produz tal e qual [...]

VIII

O estudo da língua é um complemento necessário ao estudo dos caracteres físicos.

IX

Depois dos caracteres físicos e da lingüística se tratará dos costumes relativos ao individuo e a família em geral, estudando-o desde o seu nascimento até a sua morte.

XII

Será registrado tudo quanto se conhecer a respeito de sua religião,crenças e superstições [...]

XIII

Além das descrições e desenhos, far-se-há coleções de todos os enfeites, utensílios, instrumentos de musica, armas de tudo, enfim, quanto possa servir de prova da industria, usos e costumes dos indígenas [...]

Essas passagens permitem uma visão geral dos aportes teóricos que orientavam os procedimentos da secção etnográfica e narrativa.

Percebe-se o grande esforço, assim como, o empenho em demarcar a diferença entre os habitantes nativos do Brasil, que deveriam ser estudos por suas características individuais e coletivas, sua(s) língua(s), suas crenças e religiões, seus hábitos e costumes, suas técnicas e indústrias e principalmente por seus caracteres físicos que indicariam em suas diversas medidas corporais, suas qualidades ou defeitos “naturais”, próprio aos seres.

Para que isso fosse feito contava o pesquisador com o auxilio e de “um excelente recurso”, a heliografia, que permitia um desenho fiel da realidade, estando assim, livre das subjetividades do pintor e/ou desta e/ou daquela técnica que destacaria esse ou aquele detalhe que, ao final da pesquisa, poderia, interferir nos resultados e nos objetivos do estudo, levando o pesquisador a cair em erros não condizentes com a realidade estudada. O recurso à heliografia permitiria, assim, ao pesquisador captar a realidade como ela realmente era, tornando o estudo objetivo sem qualquer possibilidade de erro ou distorção.

Desta forma, o pesquisador estaria imune, pois esteve lá, e não só viu, ouviu, sentiu como trouxe (ao retornar) a prova material do que o que ele diz é realmente a realidade como ele é. Daí a nome da secção ser etnográfica e narrativa, ou

seja, a etnografia seria a ciência, concebida como o discurso autorizado da descrição detalhada das coisas “como elas realmente são”.

As informações sobre o desenvolvimento dos estudos feitos pela seção etnográfica são por demais pontuais, além de não pormenorizarem as atividades realizadas durante o período de sua atuação no Ceará. Mas em meados de abril de 1861, reuniram-se em Fortaleza as quatro comissões que ainda andavam na província e na representação que fizeram ao governo Imperial informavam que:

Quanto a secção etnográfica, V. Ex. sabe que o chefe se acha atualmente explorando as províncias do Pará e Amazonas, para onde seguiu em Agosto do ano próximo findo, visto esta província não lhe oferecer a matéria mais importantes dos estudo que lhe foram encarregados¹².

Gonçalves Dias chegou conjuntamente com os demais membros da comissão, em fevereiro de 1859 e segundo o documento acima citado, deixou a província em agosto de 1860. Totalizando um ano e seis meses de pesquisas no Ceará.

O que motivou a saída súbita e repentina do responsável pela seção etnográfica? Qual seria a matéria tão importante, não existente e/ou não oferecida pela província, que prejudicou os trabalhos de Gonçalves Dias? Uma vez que, presença de Gonçalves Dias na comissão foi para coletar documentos existentes em cartórios, isto é, referentes a informações históricas e estudar os povos indígenas da região, assim como escrever sobre o transcurso e o andamento dos estudos da comissão. Assim, a reclamação de Gonçalves Dias destinava-se a ausência de quais desses elementos? Papéis e documentos, seguramente, ainda hoje não faltam no Ceará.

¹² Ibid. p. LXXXIX